



Boletim Cultural Digital

O Marambiré

Arte – Cultura – Folclore – História – Literatura – Meio Ambiente



ANO II – NÚMERO 14 • 10 DE FEVEREIRO DE 2012 • EDITOR: LUIZ ISMAELINO VALENTE • E-MAIL: ISMAELINO@TERRA.COM.BR

Para **BENOIT**, o primeiro nome da *madame* **COUDREAU** é **Octavie**

Na edição nº 11 deste boletim (10/11/2011), escreve-se: “Ainda está por ser feito um estudo acurado que resgate com precisão toda a riqueza da vida e da obra de Otille Coudreau, a madame francesa que desvendou todos os segredos do rio Curuá, no município de Alenquer, no início do século XX.

Tal estudo poderia começar pela decifração do enigma do seu primeiro nome, pois ela assinou todos os seus livros de viagem simplesmente como **O. Coudreau**.

Para muitas fontes bastante sérias, esse “O” significaria Otille, e, para outras tantas e respeitáveis fontes, seria Octavie (ou, mais precisamente, Marie-Octavie) o primeiro nome da escritora. Qualquer que seja a opção, não é a princípio incorreta. Opta-se, nesta singela resenha, pelo nome de Otille, à exemplo do que faz o renomado pesquisador e professor paraense Vicente Salles. Mas é possível também optar por Octavie, como prefere o historiador Eurípedes Antônio Funes.”

O boletim foi socorrido por José Rodrigo Carneiro da Costa Carvalho, professor aposentado da Universidade do Porto (Portugal), autor do livro *Aprendiz de Selvagem – O Brasil na Obra de Francisco Gomes de Amorim*, no qual, aliás, é citada a obra *Voyage au Trombetas*, escrita, na maior parte, por Henri Coudreau, mas concluída por sua mulher, depois da morte dele às margens do lago Tapagem, em Oriximiná, em 10 de novembro de 1899, vitimado pela malária.

Costa Carvalho, em atencioso e-mail enviado ao editor do boletim no final de novembro de 2011, indicou o livro do professor de história, doutor pelo Instituto de Altos Estudos da América Latina (Paris III – Sorbonne Nouvelle) e especialista em história contemporânea da Amazônia, **Sébastien Benoit**, lançado em 2000 pela editora L’Harmattan, em Paris, com o título *Henri Anatole Coudreau (1859-1899)- Dernier explorateur français en Amazonie* (“Henri Anatole Coudreau (1859-1899) – O último explorador francês na Amazônia”), que poderia elucidar o enigma do primeiro nome da *madame* Coudreau.

Fábia de Melo-Fournier e seu marido Laurent Michel Regis Fournier, amigos do editor do boletim, valendo-se de seus contatos na capital francesa, adquiriram um exemplar dessa obra e surpreenderam o editor, apresentando-o com o livro de Sébastien Benoit, em plena festa de fim de ano da Associação do Ministério Público

do Pará em Belém em dezembro de 2011. No tópico intitulado *La dernière mission* (“A última missão”), às páginas 116-120, Sébastien Benoit não deixa dúvida de que o nome da esposa de Henri Coudreau é mesmo **Octavie Coudreau**, e chega a exibir o *fac-símile* de um telegrama por ela assinado com esse nome.

Pela grande importância do tema para os alenquerenses, que talvez já andem esquecidos da *madame* francesa (ou “*madame* Edecondor”, como ainda hoje a chamam no Pacoval) que explorou o rio Curuá no início do século XX, transcreve-se abaixo, na íntegra, esse interessante e elucidativo tópico da obra de Benoit.

A tradução é da Fábria de Melo-Fournier (promotora de Justiça do Ministério Público do Pará, Mestre em Direito pela UFPA, Mestre em Direito Penal e Política Criminal na Europa pela Universidade de Paris I – Panthéon-Sorbonne e Doutoranda em Direito Comparado da mesma Universidade) e do seu marido Laurent Fournier (Engenheiro e Consultor Sênior formado pela École Centrale de Paris), aos quais o editor agradece desde já e penhoradamente (mas ainda lhes agradecerá, pessoalmente, quando, juntos, degustarem um legítimo tinto da região de Bordeaux...):

“**A última missão** – Por fim, há um episódio da vida de Coudreau que permaneceu inédito... Após o lançamento de sua obra *Na terra de nossos Indígenas*, na qual ele narra suas aventuras na Alta-Guiana entre 1887 e 1891, ele apresenta um novo pedido de missão. No final do mês de setembro, ele desembarca em Caiena e vai se instalar em território contestado, em Counani.

Como explicar esta curiosa mudança da Administração, decidida, até então, a nunca mais deixá-lo perturbar o *status quo* franco-brasileiro? Imediatamente, no entanto, o ministro das Colônias manifestou-se contra o envio de um indivíduo tão turbulento como Coudreau. Mas – fato estranho – a verba (12.500 francos) tinha sido desbloqueada sem que o Chefe de divisão tivesse sido informado. Este último inicia uma investigação sobre os



Madame Coudreau.

projetos precisos do explorador. Segundo este servidor público, este valor é bastante elevado para pagar uma simples missão etnográfica e geográfica, caso ela não tenha outros objetivos. Vindo encontrar o chefe do setor político do ministério no Pavillon de Flore, Coudreau coloca uma simples folha de papel sobre a mesa de mármore. No verso, sete linhas explicam o caráter oficial da missão, isto é, vagas pesquisas de história natural. Na frente, instruções confidenciais, levando um aval imediato:

‘Ir de Caiena ao Oiapoque. Do Oiapoque pelo rio Couripi e Ouassa, chegar a Cachipour. De Cachipour chegar a Counani pela rota dos campos que necessita ser melhorada se houver possibilidade. De Counani continuar pelos campos, estudando toda a região do Rio Novo e de Carsevenne até a Mapá [Amapá].

I - Estudar, discretamente e sem proselitismo, o estado de espírito das populações da região; ver se elas ainda têm sentimentos tão franceses que a quando de suas petições quase unânimes que elas entregaram à Henri Coudreau em sua viagem, em meio a elas, em 1883.

II - Estudar *in loco* os fatos ligados à anexação militar de Mapá pelo Brasil em 1891 (Colônia Ferreira Gomes).

III - Assegurar-se, e pela rota interna (Oyapock, Ouassa e campos), e pela rota marítima, as comunicações mensais com Caiena até e compreendendo Mapa.’

Depois de ter explicado ao ministro que seria fácil para ele acompanhar um grupo de negociantes e fazendeiros indo para Counani, e assim, transmitir-lhes seus conhecimentos sobre a região, ele apresenta num projeto oficial, desta vez, como ele poderia assegurar o papel de um agente de inteligência, sob o disfarce de uma expedição comercial. Com uma propaganda discreta, assim como, com a instalação de empresários da iniciativa privada, vindos da Guiana, a conquista política da costa entre o Oiapoque e a Amazônia, se faria gradualmente. Desta maneira, as observações de uma futura comissão científica mista encarregada de definir as áreas de influência efetivas, só poderia concluir pela presença francesa incontestável, pelo menos, até os campos de Counani e Mapá.

Alguns dias mais tarde, em 3 de julho 1893, o ministro Hausmann dá o seu acordo, acompanhado de um parecer favorável, à missão de Coudreau. Do seu lado, o governador Charvein acolhe, muito calorosamente, o explorador. Somente o jornal *L’Avant-Garde* (“A Vanguarda”) acusa-o de querer “encobrir, somente para ele, a região contestada”. Em 10 de outubro, ele escreve ao sub-secretário de Estado para as Colônias: “Como meu primeiro dever é de silenciar a respeito de qual é meu papel exato, eu agi como um simples indivíduo insultado por alguns moleques”.

A despeito de certas idéias materialistas, Coudreau consegue se fazer acompanhar de um padre, o abade

Fabre. Charvein remarca que esta foi uma idéia inteligente do explorador, pois as populações da região contestada são muito sensíveis às visitas, raríssimas, dos sacerdotes. Menos de um mês depois da instalação em Counani, o Governador requer novas verbas do sub-secretário de Estado, insistindo no fato de que Coudreau tem razão e ‘que é preciso imitar o Brasil no seu trabalho de penetração lenta e clandestina neste território’.

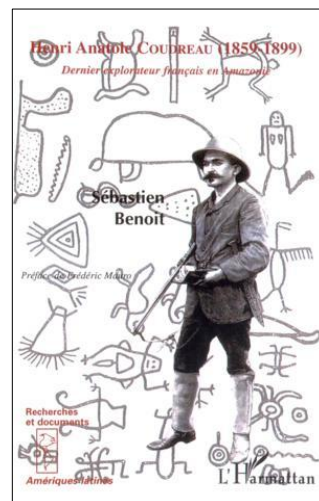
Simultaneamente, o Presidente de Câmara de Agricultura de Caiena pede o apoio do Deputado Etienne no que diz respeito à ação levada à cabo pelo expedicionário, e das petições, em favor de uma anexação da região disputada, que chegam, a cada mês, em Caiena.

No entanto, na primavera de 1894, a tentativa de Coudreau passou lentamente a fracassar. As doenças e os reumatismos que afetam a maioria dos membros da expedição tornam, além das tensões internas, o futuro fortemente duvidoso. **Octavie Coudreau** (sic) acaba de deixar Angoulême e **acompanha pela primeira vez seu marido**. Henri estando, provavelmente, de novo, meio-inconsciente, ela se dirige ao Governador para explicar-lhe tudo. Charvein capta rapidamente o abatimento dos membros da expedição:

‘Como já tive a honra de dizer-lhe, o Senhor Coudreau, arruinado por alguns excessos, não tem mais a lucidez intelectual e, conseqüentemente, a autoridade moral necessária para liderar uma expedição como esta que ele empreendeu. Ele vai dizer que precisa de melhores condições para colonizar que para explorar. Sou o primeiro a lamentar que esta tentativa, para a qual que eu dei a maior contribuição, não pudesse adquirir uma posição segura num ponto do território disputado onde tudo levava a sua aclimação. Não deixar-se-á de acusar a Guiana de um fracasso que é conseqüência das próprias condições da expedição.’

Enquanto o território disputado foi subitamente invadido por centenas de garimpeiros vindo da Guiana Francesa e do Brasil, seguindo a descoberta de novas minas de ouro, a colônia Coudreau destrói-se.

É curioso notar que Coudreau, fomentador apaixonado de uma colonização agrícola, não vai acreditar nesta nova riqueza que, desde 1872, tomou um lugar preponderante na economia da Guiana. De fato, a exploração superficial e artesanal nos *placers* [NT: jazida de



O livro de Sébastien Benoit.

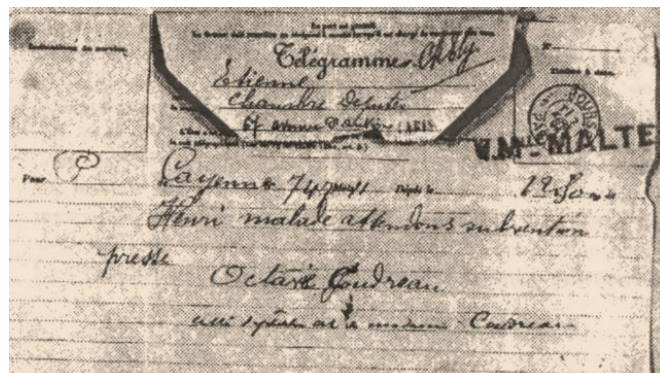
areia aurífera] atrai a quase totalidade dos guianenses, impedindo assim o desenvolvimento da agricultura crioula e aumentando a dependência em relação à metrópole. Desde 1880, milhares de garimpeiros vindos das Antilhas, do Brasil ou do Suriname invadem as terras altas do centro da Guiana francesa, levando ao declínio das companhias auríferas dos colonos e o desaparecimento de uma classe dominante branca. 1894 marca uma segunda corrida do ouro, desta vez, ao longo dos rios do território disputado.

Enquanto que a comissão brasileira de demarcação ('leia-se anexação', comenta Coudreau) atua com um orçamento anual de quinhentos mil francos, ele vê os caminhos que ele percorreu por doze anos, saqueados pelos garimpeiros.

Gradualmente, o sonho desaba. E o governo francês novamente abandona o explorador, sobretudo quando acontecem incidentes importantes: a demissão dos antigos capitães em benefício de um conselho municipal sob a condução de Coudreau, tentativas de secessões com destruição da bandeira francesa, rixas...

Abril 1894, Etienne recebe um telegrama desesperado de **Octavie** (sic): "Henri doente. Esperamos subvenção. Depressa". O dia 17, a missão é repatriada pelas Colônias [NT: le ministère des Colonies], no capítulo XV das despesas. Enquanto Henri e **Octavie** (sic) voltam no começo de maio pelo navio a vapor *Ville de Saint-Nazaire*, os membros da expedição que ficaram estão no seu limite. Em 11 de junho de 1894, **Octavie** (sic) toma a iniciativa de escrever à residência de Delcassé, ministro das Colônias:

'Senhor, é com muita humildade que estou pedindo desculpas pela minha audácia em escrever-lhe para sua casa, no entanto, apesar de dirigir-me ao Ministro, é com o homem que eu quero falar e suplicar que não deixe morrer os 14 homens que, no norte do Amazonas, contam convosco, e esperam um abastecimento, há pelo menos três meses (...). Peço-lhe, Senhor, o clima de Paris matará **meu marido** doente e um atraso no abastecimento de nossos homens pode lhes ser fatal. Confiando tanto no seu coração quanto no seu patriotismo, eu ousa esperar que vós nos permitais de bem terminar a obra começada há 12 anos por **meu marido** nas



O telegrama de **Octavie** (sic) **Coudreau** ao Deputado Etienne, reproduzido no livro de Sébastien Benoit.

regiões de nossa Guiana do Sul. Respeitosamente, Senhor Ministro, - **O. Coudreau**.'

Pouco tempo depois, **Octavie** (sic) parte, sozinha, para assegurar o salvamento da equipe. Esta é a última aventura de Coudreau e da **sua mulher** ao serviço da França...

Alguns meses mais tarde, o explorador, enfim restabelecido, é enviado pelo Governo do Pará a um reconhecimento, mas desta vez, a uma região onde ele não viverá nenhuma tentação chauvinista. Sabendo, melhor que os franceses, os seus talentos de observação, as autoridades brasileiras encarregam-no da avaliação exata das riquezas desconhecidas dos afluentes direitos do rio Amazonas, tais como o Xingu, o Tocantins ou o Araguaia. Recursos econômicos, povos, geografia, hidrografia, nada escapará à seu olhar experiente, tornado ainda mais rigoroso pelo desinteresse político da sua tarefa. Rendeu-se ao inimigo ou trata-se para os paraenses de usá-lo para qualquer coisa, já que, o que ele tem a dizer não poderia ser ouvido na França? Somente alguns anos mais tarde, após ter dado a prova de sua dedicação científica, que ele poderá retornar aos seus primeiros amores: os afluentes da esquerda, o alto rio Branco e o alto rio Trombetas que será o seu túmulo."

Desta forma, fica decifrado, pelo menos em parte, o **enigma** do primeiro nome da *madame* Coudreau, que, segundo Benoit, é **Octavie**. Resta saber porque outros autores de nomeada a chamaram de **Otille**...

(Re)descobrimo F. Gomes de Amorim (XIV) – autênticas aulas de botânica

Nas numerosíssimas notas explicativas do segundo volume da peça teatral *O Cedro Vermelho*, Francisco Gomes de Amorim dá-nos verdadeiras aulas de botânica, ao descrever minuciosamente a flora da Amazônia, e, em especial, a do Curumu de Alenquer. Destaquemos algumas dessas preciosas lições:

- "**Araçá**. *Psidium araçá*, variedade de goiabas, família das mirtáceas, arvoreta vulgar no Brasil e hoje cultivada

nos Açores e na Madeira. O fruto recebe o mesmo nome" (nota nº 70).

• **“Cacaueiro.** *Theobroma cacao*, é uma árvore de 3 a 4 metros de altura, que produz um fruto oval de 20 a 24 centímetros de comprimento, contendo dentro as sementes a que no comércio se dá o nome de cacau. Essas sementes têm aderentes uma polpa branca agri-doce. Deitando-se em água e esfregando-se umas nas outras obtém-se uma bebida refrigerante e muito agradável, mas que dura apenas um ou dois dias. Também se faz vinho de cacau fermentado e já bebi em Lisboa algumas garrafas dele excelente, que me foram mandadas pelo meu amigo Dr. Antônio Henriques Leal, natural do Maranhão” (nota nº 79).

• **“Copaíba.** Também chamada cupaíba, copaúba, copaibeira ou pau-de-óleo é a *Copaifera officinalis*, de Linneu. Ela abunda nas matas do Pará e não raro era antigamente encontrar-se árvore que desse cinquenta canadas de óleo. Infelizmente o método empregado pelos tapuios para extrair esse precioso líquido mata quase sempre as árvores. Abrem a machado um buraco enorme no tronco e, quando chegam ao óleo, fazem com cera uma espécie de bica e começam a encher os potes até esgotar a árvore. Depois desamparam-na; e as tempestades, que frequentemente revolvem as florestas, encarregam-se de a derrubar. Se é próximo dos povoados, aproveita-se a madeira para tábuas; se é longe, tem o destino comum dos vegetais que vivem no deserto. Os índios curam quase todas as feridas com bálsamo de copaíba e servem-se também dele para luzes” (nota nº 69).

• **“Jacitara,** acitara ou titara (*Euterpe sarmentosa* ou *Desmonchus*) é uma palmeira singularíssima por ser trepadeira. Tem o caule roliço, ornado de espinhos e as folhas lanceoladas, alternas, igualmente espinhosas. Dá as flores em pequeninos cachos, como as outras palmeiras. Os frutinhas vermelhos, tamanhos como os da uva a que chamamos bastardo, são globulosos e têm a amêndoa oleosa. A jacitara, conquanto seja mais frágil do que a rota-da-índia, emprega-se contudo em cestos, paneiros, balaios e principalmente em apertar o tabaco chamado do sertão ou de Borba, depois de convenientemente preparada para isso” (nota nº 81).

• **“Jenipapo.** *Genipa brasiliensis*, Martius, é uma árvore do tamanho da noqueira, muito ramosa e folhuda, que nasce espontânea nas praias dos rios e nas bordas dos lagos do Amazonas. Dá fruto do tamanho e feitio de grandes limas, de cor esverdeada a princípio, que se vão tornando pardos à medida que amadurecem. Algumas pessoas comem-nos com açúcar, mas ainda assim me pareciam muito ácidos e pouco agradáveis. Enquanto verdes, contêm um suco incolor, que se torna preto logo que seca. É uma das tintas com que se pitam os gentios. Da madeira do jenipapeiro fazem-se remos,

formas de sapatos, coronhas de espingardas, colheres e bolas de bilhar. A raiz é purgativa” (nota nº 73).

• **“Pau-d’arco.** Nas matas do Surubiú abunda o pau-d’arco roxo e é raro encontrar-se uma destas árvores que não junte ao valor da madeira uma porção de cera e mel. Os tapuios de Carmelo & Barros, dirigidos por mim, derrubaram uma vez duzentas e tantas destas magníficas leguminosas, para carregar uma escuna. Em quase todas achamos grandes enxames, que obrigávamos por meio de fogo a desamparar o mel. Tomávamos apenas alguns favos destes e espalhávamos o resto pela floresta. Quando saíamos dali, depois de arrastadas as madeiras para a margem do lago, ficou o chão literalmente coberto de cera virgem e o mel corria em fio de todos os pedaços de madeira julgado inútil. O pau-d’arco (*Bignonia chrysantha* ou *pentaphylla*) é uma das mais formosas e das mais úteis árvores do Brasil. Em tupi chamam-se *ymira pariba*. No Amazonas, há duas qualidades, sendo um roxo, outro amarelo. Este é da várzea e aquele da terra firme; porém apenas diferem pela cor das flores, que umas são roxas e outras amarelas. Ambas têm aroma suavíssimo. O pau-d’arco cobre inteiramente de flores quando despe as folhas, oferecendo-se então aos olhos o mais lindíssimo aspecto e espalhando, durante a noite, o cheiro das suas flores até ao meio dos rios e dos lagos. A madeira é excelente para a construções navais e marcenaria” (nota nº 68).

• **“Taperebá,** e noutras províncias cajazeiro ou cajaeiro, é a *Spondias lutea*, de Linneu. No *Dicionário de Botânica Brasileira* vem descrita uma espécie que é menos comum no Pará. A que mais abunda naquela província e na do Amazonas dá frutos semelhantes as nossas ameixas compridas, amarelados e muito ácidos. Dele se extrai vinho, mais agradável no cheiro do que no gosto, mas que os naturais não desdenham” (nota nº 79, segunda parte).

• **“Sumaúma.** *Eriodendron sumauma*, de Martius. Árvore que produz a sumaúma do comércio. É alta, de tronco direito, grande copa e que se dá bem em todos os terrenos húmidos, nas bordas dos lagos e dos rios do Amazonas” (nota nº 87).

• **“Sucupira,** sapupira, sibipira, sebupira, sepepera e sicupira (*Ormosia coccinea*, Jacq.) é uma árvore grandiosa, de lenho duríssimo, que se emprega em vigamento, peças de engenho, instrumentos de lavoura e construção naval. O governo do Brasil proíbe o corte desta árvore, em consequência dela ter aplicação para obras náuticas. Mas quem pode ir fiscalizar se a lei se cumpre no interior das matas do Pará, povoadas de milhares de sucupiras?!” (nota nº 93).

[N. E.: Já naqueles tempos a fiscalização, ou a falta de, era o maior embaraço à proteção do meio ambiente...].